

Entrevista a Francisco Dinis, director técnico da Clefta

«A crise não afectou a nossa empresa, pelo contrário»

Há quase três décadas no mercado dos elevadores, a Clefta distingue-se pela experiência e know-how na modernização e recuperação de ascensores. Intervir com precisão e eficácia é a filosofia.

Estão no mercado há 27 anos. Como se cresce neste sector tendo em conta os grandes grupos internacionais?

A Clefta está muito próxima dos 28 anos de existência e o nosso crescimento deve-se à qualidade dos produtos que comercializamos e aos serviços pós venda que prestamos aos nossos clientes. Para conquistar mercado temos que ter soluções, ser diferentes, melhores, e estar próximo do cliente. Nesse sentido, temos todas as condições para crescer a um ritmo confortável.

No nosso sector o cliente valoriza muito o contacto pessoal. Nós enquadrarmo-nos às suas necessidades e propomos várias soluções para que tenha o seu ascensor a funcionar em segurança total. Transmitimos segurança e confiança. É interessante que 90% dos novos contratos que todos os anos entram na nossa carteira vêm dos três grandes grupos internacionais.

A meta de crescimento acima dos dois dígitos foi conseguida em 2009?

Em Julho já tínhamos alcançado as vendas de remodelações do ano de 2008. No que diz respeito a novos contratos está próximo dos 18%, valor que será ultrapassado até ao final do ano.

E quais os objectivos para 2010?

Manter o mesmo ritmo de crescimento deste ano. Mas não esquecemos que é preciso estar à altura para responder às exigências do sector, que está em permanente em evolução.

Quais as áreas onde a Clefta mais pode crescer?

A nossa aposta continua a ser a reconversão/remodelação de ascensores. O parque nacional de ascensores está muito envelhecido e há muito trabalho a fazer. Estamos muito bem posicionados no sector e podemos contribuir com o nosso know-how.

Os produtos de excelente qualidade que instalamos aos nossos clientes (quadros de co-



Francisco Dinis, director técnico da CLEFTA

mando electrónicos, máquinas de tracção e acessórios complementares) passaram a ter 3 anos de garantia, 2 anos dados pelos fabricantes e 1 ano oferecido pela Clefta.

Qual impacto teve a Clefta com a actual crise económica?

A crise não afectou a nossa empresa, pelo contrário, soubemos aproveitar alguns erros das ditas internacionais. Quando se despedem 76 colaboradores na nossa área de negócio, na sua maioria técnicos qualificados, os efeitos colaterais são desastrosos. Em 2009 a Clefta cresceu em número de clientes (contratos), em número de colaboradores e melhorou a sua frota automóvel proporcionando um maior e melhor apoio aos nossos clientes.

Com um parque muito envelhecido, como o nacional, como se alia a reparação e a segurança, tendo em conta as actuais normas?

Parque envelhecido não é sinónimo de insegurança ou de não cumprimento das exigências actuais de segurança. Exemplo disso é o ascensor do Cristo-Rei, que montado há 50 anos, e já na altura cumpria com as actuais normas de segurança.

A nossa empresa especializou-se na reconversão/modernização dos ascensores antigos,

os quais são submetidos a inspecção com 98% de aprovação, depois passam a ter inspecções periódicas de 2 em 2 anos. A manutenção preventiva e curativa são fundamentais para que um elevador antigo não envelheça.

Nas modernizações não nos podemos dar ao luxo de substituir equipamentos que se encontram em bom estado de conservação, por vezes até de melhor qualidade, só para tornar os clientes dependentes. É importante que o cliente perceba que só muito excepcionalmente deverá optar por uma substituição total.

A substituição total de um equipamento não é mais segura que a recuperação?

Na Clefta desaconselhamos a substituição total sempre que possível. A recuperação (remoção/delação) de equipamentos das marcas Efacec ou Schlieren, entre outras, é de longe a melhor opção. Ninguém deita um prédio abaixo para remodelar um único andar. Depois, na substituição total de um ascensor, há gato escondido com rabo de fora. A legislação passa a ser outra e há sempre a tendência dos grandes grupos para criar uma maior dependência da marca que se instalar.

Em termos energéticos e ambientais quais as preocupações da Clefta quando recupera um equipamento?

Quando recuperamos um equipamento estamos seguramente a ser ambientalistas, já que os desperdícios são insignificantes. Por outro lado, quando substituímos um ascensor os desperdícios são imensos, motivo pelo qual desaconselhamos a substituição total.

Em termos energéticos 90% das nossas reconversões/remodelações anuais são instaladas com Quadros de Comando Electrónicos com Conversores de Frequência, com baixo consumo de energia, com poupanças na ordem dos 40%, custos de manutenção muito baixos e grande durabilidade. Os nossos Quadros de Comando Electrónicos têm um sistema de poupança de energia e entram em hibernação ao fim de alguns minutos de paragem do ascensor.

Em todas as reconversões instalamos botoneiras nas cabinas e nos patamares com sinalização Led e as luzes das cabinas têm lâmpadas de baixo consumo. ^